

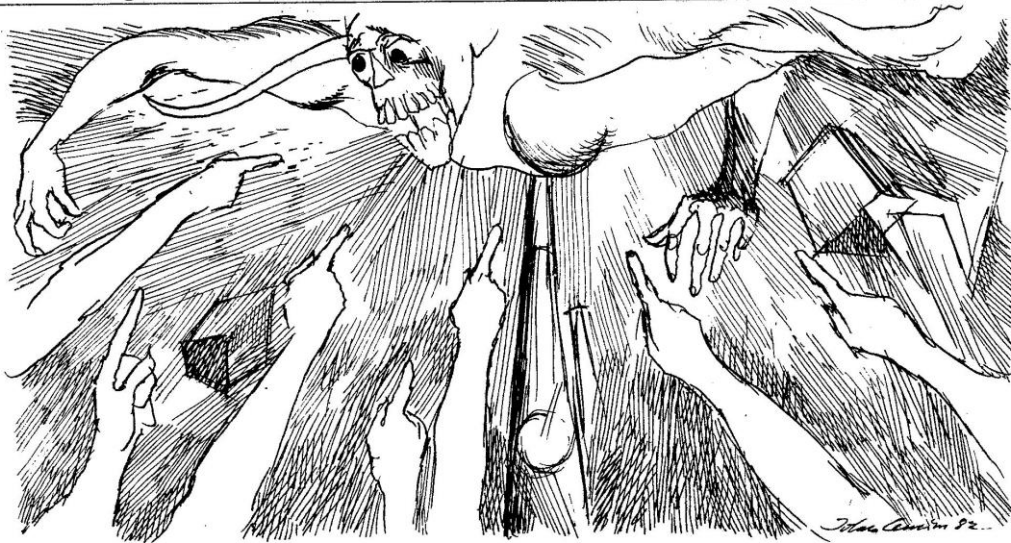
D.O.

Leitura

Ano I • Número 7 • São Paulo, dezembro de 1982

*Dramático momento do sertão paulista
na visão de Valdomiro Silveira, em fins
do século passado. (Pág. 8/9)*





OS PARAÍSOIS ARTIFICIAIS DA DROGA

É preciso admitir que, ainda que provoque a ruína física e mental, a droga pode levar à confraternização, à alegria e ao prazer. E até mesmo é capaz de abrir, em certos casos, as portas do conhecimento e da percepção, como demonstrou Aldous Huxley. No entanto, as criaturas devem ter tudo isso sem recorrer a ela. Embora os homens se droguem por serem incertos e infelizes, não estão fechados para eles os caminhos da recuperação, conforme demonstram pesquisas de estudiosos.

Luiz Fernando Emediato

Nem de seus mais controversos livros, *As Portas da Percepção*, Aldous Huxley afirma ser extremamente improvável que a humanidade seja capaz de transpor a vida sem sonhar, buscando, das mais variadas formas, a ilusão do paraíso. "A maioria dos homens e mulheres — escreveu Huxley — leva uma vida tão sofredora em seus pontos baixos e tão monótona em suas eminências, tão pobre e limitada, que os desejos de fuga, os anseios para superar-se, ainda por uns breves momentos, estão e têm estado sempre entre os principais apetites do alma."

Arte, religião, carnavais, participação política — com o uso destes meios o homem tenta transpor a muralha que o limita e o faz sofrer — argumentava, por sua vez, outro escritor, H.G. Wells, que, as-

sim como Huxley, também teve seu período de pessimismo e desencanto. Ambos recriaram, por intermédio da arte, utopias ao contrário: na *Máquina do Tempo*, Wells fala de uma humanidade dividida entre duas raças: uma, selvagem e canibal, detém o poder tecnológico; a outra, bela e opática, serve de gado para a primeira. No *Admirável Mundo Novo*, Huxley oferece-nos também o apavorante universo da antiutopia.

Diante do abismo, da insegurança universal, da perspectiva de uma hecatombe nuclear capaz de destruir em segundos o que a natureza construiu ao longo dos séculos, desde a primeira molécula ao conjunto que levou ao *Homo sapiens* — o único animal que pensa e, pensando, tem consciência do ser, sabe que existe e, existindo, é também finito, morre —, os homens se sentem a cada dia mais perplexos. Vivemos a era das grandes indagações.

Friedrich Nietzsche afirmava que "a história da cultura humana é dominada por uma luta, jamais decidida, entre Apolo, o poderoso deus da Luz, da Disciplina, da Razão e do Progresso, e Dionísio, o

descabelado deus do Sono, do Êxtase, do Narcótico". Se essa luta ainda era, ao tempo de Nietzsche, "jamais decidida", hoje ela pendente para o extremo dionisíaco: numa sociedade que alia a perplexidade ao hedonismo, a busca — válida, desde que serena — do prazer e do não-racional já assumiu as proporções de uma quase anomalia.

Cresce o uso da droga a partir de 1960, depois da Guerra do Vietnã e da revolução sexual

Para o filósofo Julian Marias, é a primeira vez, na história do Ocidente, que o homem foge da razão, em grande escala, para entregar-se não ao conhecimento de sua realidade — como propunha Aldous Huxley, ainda que com o uso da mescolina, uma droga —, mas à pura alienação, tornando-se, assim, perfeito escravo de suas próprias fantasias. O uso de drogas no

Ocidente cresceu espantosamente a partir da década de 60, a década da Guerra do Vietnã, da falência do provedor socialista, da revolução hippie, da liberação sexual e do avanço do individualismo.

Muitos adultos usam drogas, mas o público potencial dos estimulantes, depressores e alucinógenos sempre foram e são os jovens. Idealistas ou ingênuos, rebeldes, impacientes, quase sempre cruelmente oprimidos por um autoritarismo que tem raízes na própria família e estende-se a seguir por toda a sociedade, os jovens geralmente não encontram espaço para atuar livremente. E, por isso, se angustiam.

Diante de uma família à beira da falência, de uma escola que não acompanhou o fantástico desenvolvimento científico e tecnológico das últimas décadas, e não oferece ao estudante nenhum atrativo, condenado a não acreditar — e com muita razão — numa sociedade construída e mal dirigida por adultos, os jovens mais conscientes encontram-se como que acorrentados diante de um muro difícil de transpor. Os outros — maioria silenciosa —, que

não se interrogam e se enterram na inconsciência, encontram-se, por sua vez, diante não do muro (pois não o vêem, posto que são cegos), mas de um amargo vazio: o vazio da ingênua ignorância, o vazio da inocência e da alienação.

Se os integrantes da maioria silenciosa quase nunca se drogam, é lícito afirmar que a droga em si não é um grande problema, ainda que seja — pois o é — um problema. A grande questão é, como não poderia deixar de ser, uma pergunta: por que, afinal, as pessoas se drogam? Encontrada a resposta para essa indagação, é óbvio que, mais importante — e mais fácil — que extinguir a droga, será extinguir ou minorar as causas que levam as pessoas a se drogar, fugindo de uma realidade que passam a considerar cruel e insuportável.

Um dos maiores especialistas mundiais no assunto, o médico-chefe do Centre Médical Marmottan, de Paris, Claude Olivienstein, afirma, no prefácio do livro *Drogas e Drogados*, que "a droga tornou-se um mito e transformou-se num campo de batalha; e não devemos

Luiz Fernando Emediato, jornalista e escritor, acaba de ganhar o Prêmio Esso de Jornalismo e o Prêmio Raquel Faria de Imprensa por seu livro *Geração Abandonada*, uma série de reportagens e ensaios sobre a juventude e o uso de drogas. Ilustração de Manoel de Oliveira, com várias exposições no Brasil e no Exterior.

enganar-nos a este respeito: por trás das tomadas de posição de aparência objetiva está em jogo o conjunto dos problemas éticos e morais que todo a sociedade se coloca. Se no mundo inteiro, hoje em dia, milhões de jovens e rapazes tomam drogas, é porque as opções do presente e do futuro não aparecem tão evidentes no seio da família, da escola e da sociedade. De nada serve obviar estas questões e não será combatendo a droga mediante uma psicoquímica moral ou moralizante que se obterá êxito sobre ela”.

Para Olivenstein, não se pode lutar contra a droga quando se tem uma visão mecanicista do problema e quando não se interroga a respeito das motivações dos que se tornam usuários. Nem todos — são raros, aliás — os que usam drogas uma vez, ou ocasionalmente, tornam-se dependentes, escravos do vício.

Juventude mal compreendida desde os tempos de Sócrates até a visão policialista de hoje

Os que se entregam ao abuso, entretanto, entregam-se da forma mais pungente e patética: o estágio final dessa amarga caminhada é, geralmente, a insanidade e até a morte.

Na América do Sul, afirma Olivenstein referindo-se à Bolívia, os pobres ingerem a droga para saciar a fome. E os

nossos filhos, qual a fome que eles têm hoje em dia? A pergunta parece complexa, mas não é: desde o início dos tempos a juventude tem sido vista pelos adultos pelo prisma da ignorância e do desprezo. Sócrates, 2500 anos atrás, considerava os jovens mal-educados e perniciosos; antes dele, 800 anos antes de Cristo, o poeta Hesíodo considerava os jovens daquele tempo incapazes de preservar a cultura grega. Foi desmentido pela História, assim como o foi também aquele que, 4000 anos atrás, inscreveu num vaso de argila — encontrado nas ruínas da Babilônia — uma oração segundo a qual os jovens, malfetores e preguiçosos, não podiam mesmo ser tratados no mesmo nível pelos adultos. São preconceitos muito atuais.

Temos, entre nós, quem estude as angústias juvenis e o problema das toxicomanias sem aquela visão autoritária e policialista dos cientistas sem consciência (e como fazer ciência sem consciência?) ou dos delegados mais preocupados com estatísticas e punições do que com a preservação do humano e o cultivo da bondade. No livro *Drogas e Dragados*, uma experiência nova — e corajosa — entre nós, o médico Francisco Tancredi, psiquiatra, diretor do Sanatório Charcot (São Paulo), destrói uma série de mentiras a respeito das drogas, colocando o tema no seu devido lugar.

É seguido, nesta boa cruzada, por outro médico, Ernesto Lima Gonçalves, professor da USP, que não se afasta da dimensão humana ao abordar a questão. O livro contém ainda

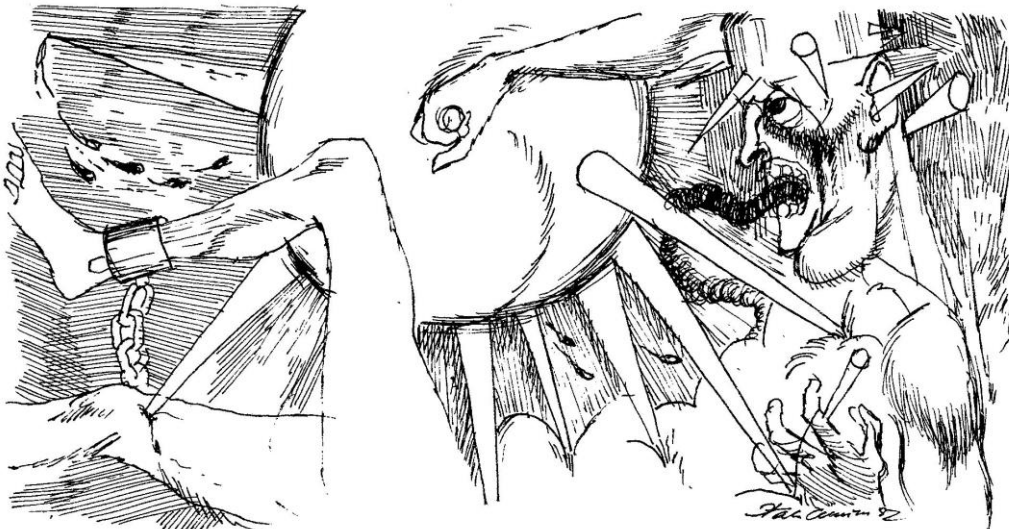
bons artigos de Richard Kaner, psicanalista, Samuel Werbe, Paul-Eugène Charbonneau, Vilma Fagundes Sanchez, José Elias Murad, Amauri Tonucci Sanchez e Celso Telles (delegado de polícia). Examina-se a questão a partir de vários ângulos, de diferentes pontos de vista, como é sôlido e democrático. No final, várias perguntas contendo uma resposta básica, a indicação de um caminho a seguir: Haverá soluções? Existirão caminhos? Como proceder? E se fosse meu filho, meu marido, meu irmão? As perguntas são feitas por Ernesto Lima Gonçalves, que acrescenta: “As situações são diversas, mas o contexto é o mesmo. Por isso, o que se deve é analisá-lo, debater-se sobre ele e procurar entrever em seu fundo, no escuro das situações, razões positivas para que a jovem possa voltar a acreditar, voltar a ter esperança, voltar a confiar no outro. Razões para querer viver construtivamente. Razões para convencer nossos jovens ou nossos adolescentes de que ‘a vida, ainda que não seja fácil, vale a pena ser vivida’”.

É esta, enfim, a questão básica: os homens se drogam por serem incertos e infelizes. É preciso ter coragem para admitir que, ainda que provoque seqüelas terríveis, a droga une e alegra os homens; confraterniza; dá prazer; ilumina e abre, em certos casos — como provou Huxley —, as portas do conhecimento e da percepção. É preciso, entretanto, que os homens tenham tudo isso sem recorrer a ela. Para que não tenhamos, também, de ouvir o pungente depoimento da alemãzinha

Christiane F., de 13 anos, aos jornalistas Kai Hermann e Horst Rieck: ela sabia, por ouvir dizer, que Hitler tinha sido mau. No tempo de Hitler, porém — disse Christiane —, havia alguma coisa, o nazismo, em que acreditar. É uma frase terrível. Num mundo sem idéias e esperanças, ela só via prazer no consumo de heroína, a mais terrível das drogas. O depoimento do brasileiro *Caco*, em *Geração Abandonada*, tem a mesma raiz: inteligente, criativo e curioso, ele não encontrou espaço para desenvolver seu extraordinário potencial. A droga, a marginalidade e a prisão acabam quase matando — o não ser que, como ele, as pessoas sejam fortes — a luz do gênio e da bondade que existem sempre dentro de cada ser humano, à espera apenas da solidariedade para despertar, vicejar, dar frutos.

Referências:

- NIETZSCHE, Friedrich — *Obras* — Ed. Aguilar, Madrid.
 PLATÃO — *Diálogos* — Edições de Ouro, São Paulo.
 HUXLEY, Aldous — *As Portas da Percepção* — Editora Globo, Porto Alegre, 1981.
 WELLS, H. G. — *A Máquina do Tempo* — Editora Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1961.
 BAILLY e GUIMARD — *A Experiência Alucinígena* — Civ. Brasileira, 1972.
 OLIVENSTEIN, Claude — *La Drogue* — Gallimard, Paris, 1964.
 SANCHEZ, Tonucci e outros — *Drogas e Dragados* — Editora Pedagógica e Universitária, São Paulo, 1982.
 HERMANN e RIECK — *Eu, Christiane F., 13 anos, drogada, prostituída* — Difel, São Paulo, 1982.
 EMEDIATO, Luiz Fernando — *Geração Abandonada* — EMW Editores, São Paulo, 1982.



NATAL NA LITERATURA BRASILEIRA

Entre nós, o tema do Natal foi fartamente focalizado por prosadores e poetas, a começar de Machado de Assis, com seu poema sempre citado. As coisas realmente mudaram como ele insinuou em seus versos. Hoje, ao contrário de antigamente, já não se escrevem sonetos, contos ou peças de teatro tomando como inspiração o forte simbolismo do nascimento de Cristo. A festa persiste, mas com seu espírito mudado, refletindo o mundo apressado e eficiente dos homens modernos.

Luiz Carlos Lisboa

"Mudaria o Natal ou mudei eu?"

Na época em que Machado de Assis fez o verso famoso, era fácil imaginar que o homem houvesse mudado, já não podendo ver com os mesmos olhos de criança o encanto simples do Natal. Hoje seria diferente: a festa mudou também seu espírito, no mundo apressado e eficiente dos homens. Por isso mesmo já não se escrevem sonetos, contos ou peças de teatro, tomando como inspiração o antigo e forte simbolismo do nascimento de Cristo. Em nossa literatura, esses registros são cada vez mais raros.

O Padre Vieira imaginou, no *Sermão Contra as Armas Holandesas*, um Brasil varrido da Cristandade, esquecido das belezas do Natal e ignorante dos seus festejos. "Passará um dia de Natal e não haverá memória do Vosso nascimento", dizia o pregador, ameaçando com a desolação dessa época. Mais tarde, é Machado quem se comove com a alma da festa, na cidade e nas casas, passando pelo coração dos homens. Num crônica publicada a 25 de dezembro de 1892, o escritor medita sobre a triste sorte de cinco odaliscas que foram vendidas a um sultão, e pouco depois assassinadas por outras concorrentes. No Brasil, sofrem apenas os leilões, nesta época. "Falemos de um triste leilão que ouvi grunhir agora mesmo no Largo da Carioca. Ia atado pelos pés, dorso para baixo, segura pela mão de um criado, que o levava de presente a alguém: é véspera de Natal."

Machado de Assis inaugura com *A Missa do Galo* a preocupação com o Natal

O conto *A Missa do Galo* é mais colorido e é um dos melhores do autor. Enquanto espera que o chamem para a missa da meia-noite, o personagem entreteve uma conversa com uma mulher habitualmente recatada, que naquele momento parece muito próxima dele. Rui Barbosa coloca em sua *Prece de Natal* alguns momentos de rara beleza, mas não contém uma nota política em seu desfecho: "Cura a nossa pátria da aridez

de alma, que a mata, semeando a tua semente nesta geração que desponha. Permite, enfim, que nossas filhas possam celebrar com os seus, em dias mais ditosos, a alegria do Teu Natal."

Olavo Bilac aplicou ao tema, mais de uma vez, seu domínio absoluto da arte de poeta:

"Jesus nasceu! Na abóbada infinita
Soam cânticos vivos de alegria;
E toda vida universal palpita
Dentro daquela pobre estrebaria..."

E mais adiante:
"Natal! Natal! Em toda a natureza
Há sorrisos e cantos, neste dia...
Salve, Deus da humildade e da pobreza,
Nascido numa pobre estrebaria."

Um poema de Jules Laforgue, *Natal Cépico*, foi magistralmente traduzido entre nós por Luís Martins:
"E longamente fico assim, fora do mundo...
Sinto-me um pária, só, a quem nada mais resta,
A quem o vento traz, em meu recanto imundo,
O longínquo rumor de uma noite de festa."

Luís da Câmara Cascudo conta como uma aranha salvou o Menino Jesus. Coelho Neto escreve várias historietas natalinas. Olegário Mariano faz pequenos poemas sobre o clima que cerca a data. Soares de Azevedo tem um conto original, *O Natal do meu guarda-noturno*. Alceu Amoroso Lima publica um artigo magnífico, em 1934, que chama de *Meditação pelo Natal*. O *Auto de Natal Pernambuco*, de João Cabral de Melo Neto, é uma peça inesquecível. Em *Mistérios*, Lygia Fagundes Telles fala do *Natal na Barca*, uma história densa que produz calafrios e entenece. A história *O Peru de Natal*, de Mário de Andrade, em *Contos Novos*, é um exemplo acabado de história curta brasileira.

Em *Árvore de Natal*, é Raul de Leoni quem diz:

"É a tarde que se vai lentamente
Apagando,
Na aquarela chinesa do jardim,
Semeando alegrias e esperanças —
Minha tristeza é assim uma piedosa e linda
Árvore de Natal entre as crianças..."

Carlos Drummond de Andrade termina assim *Interpretações de Dezembro*:

"É a noite natural
Não encantada,
Ao sopra das lendas,
É algo irreduzível
Mas incorporado
Ao coração do mito,
É um menino em vós
Ou fora de vós
Recolhendo o mito."

O mesmo Drummond, em *Papai Noel às avessas*, conclui:

"Os pequenos continuavam dormindo.
Longo, um galo comunicou o nascimento de Cristo.
Papai Noel voltou de manso para a cozinha,
Apagou a luz, saiu pela porta dos fundos.
Na horta, o luar de Natal abençoava os legumes."

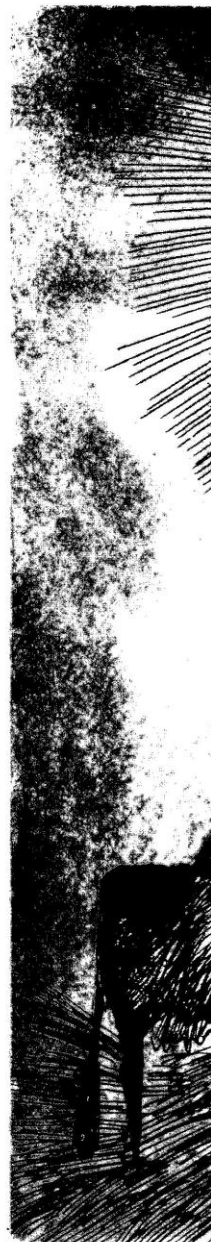
O riso amargo
Papai Noel Ladrão;
de Bernardo Élis

O conto de Bernardo Élis, *Papai Noel Ladrão*, é a história do filho da cozinheira que põe o sapato da mãe na janela para que fique esquecido, como no ano passado, e esse único sapato é roubado por um cachorro faminto. No livro *Três Ensaios*, Peregrino Júnior mostra uma noite de Natal no Amazonas, em que um grupo vê passar um vapor iluminado na noite, e passa a falar na Nau Catarineta, na boiuna, no bato, na cobra-d'água. "A curuminhada se benze, transida, encolhendo-se num calafrio de terror. É na noite de Natal, na Amazônia, possem soltos nas sombras da mata os duendes da floresta."

Manuel Bandeira, em 1952, escreveu *Natal sem sinos*:

"No pátio a noite é sem silêncio.
O que é a noite sem o silêncio?
A noite é sem silêncio e no entanto onde os sinos
Do meu Natal sem sinos?
Ah, meninos, sinos
De quando eu menino!"
E concluindo:
"Bimbalhai, meninos,
Pelas sinos (sinos
que não ouço), os sinos de Santa Luzia."

A cooperação
de Vinícius antes
da fase boêmia e do
amor sensual





Aldemir Martins 1982

Vinicius de Moraes fez também o seu poema de Natal, muito antes da fase boêmia e de amor sensual da sua imensa poesia:

*"Para isso fomos feitos
para lembrar e ser lembrados
para chorar e fazer chorar
para enterrar os nossos
mortos —
por isso temos braços longos
para os adeuses.*

*Mãos para colher o que foi
dado,
Dedos para cavar a terra."*

*"E finalmente:
"Pois para isso fomos feitos:
Para a esperança no milagre,
Para a participação na poesia,
Para ver o face da morte —
De repente, nunca mais espe-
raremos...
Hoje a noite é jovem: da mor-
te, apenas*

Nascemos imensamente."

Voltamos a Machado para pensar no Natal. O homem a quem pediram que fizesse um poema de Natal já não tem mais o que dizer. Queria levar para o verso "doce e ameno" as sensações inesquecíveis da infância, as emoções daquela noite amiga, na casa protegida, junto de pessoas que depois partiram.

*"Escolheu o soneto... A folha
branca
Pede-lhe a inspiração; mas
"frouxa e manca,
A pena não acode ao gesto
seu.*

*Em vão lutando contra o me-
tro adverso,
Só lhe saiu este pequeno ver-
so:*

*Mudaria o Natal ou mudel
eu?"*

Luiz Carlos Lisboa é jornalista, advogado, conferencista e escritor. Publicou seleção de artigos e reportagens, três coleções de artigos, contos e um guia prático de literatura. Uma de suas obras: *Olhos de Ver, Ouvidos de Ouvir*. ✱ Aldemir Martins, prêmio Bienal São Paulo e de Melhor Desenhista da Bienal de Veneza. Prêmio Roquete Pinto, 1982.



CEM ANOS DE LITERATURA

Os escritores da família Silveira

Não há exemplo na vida artística brasileira de uma família literária, ainda em plena atuação, que tenha avançado ao longo de 110 anos através de cinco gerações. Nessa progênie, a figura de maior relevo é, sem dúvida, Valdomiro Silveira, seguido de Dinah, ambos cercados de nomes como Miroel, Helena, Alarico, Agenor, Cid, Almenor, Isa, Ênio. Na quinta geração, desponta Ana Maria, recentemente premiada por uma reportagem sobre o seu tio-avô.

Acima, da esquerda para a direita, primeiramente o fundador da linhagem literária, João Batista da Silveira, poeta e jornalista; em seguida, Alarico Silveira, pesquisador linguístico, animador do Movimento Modernista da Anta, autor do Dicionário de Brasileirismos, cuja publicação foi iniciada pelo Instituto Nacional do Livro; e por último, Valdomiro Silveira numa foto de 1912, tendo no colo sua filha Isa, que mais tarde seria a especialista em literatura juvenil Isa Silveira Leal. Valdomiro Silveira, no consenso, hoje, da melhor crítica literária do país, é o vulto mais significativo de nosso movimento regionalista, um dos inspiradores de Guimarães Rosa.

Não apenas cem anos. A rigor, 110, já que foi em 1873 que apareceu *Nuven Multicores*, livro de poesias do jovem advogado e deputado da província João Batista da Silveira, no qual se lia o soneto *Fantasia de cético* fazendo no terceto final uma profissão de fé:

*Quero viver além destas coisas mundanas
Contemplando de longe, indiferente e mudo,
O cortijo brutal das misérias humanas!*

João Batista da Silveira, o fundador da linhagem literária, provinha de um tronco valparaibano com séculos de vida familiar registrada pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico em *Um Precioso Manuscrito* (vol. XXXIII, 1937), passado domesticamente de geração a geração. Abandonando a vida agrária que declinava no Paraíba, transferiu-se no fim do século para São Paulo, formou-se em Direito e foi exercer a advocacia em Casa Branca, onde cresceram quatro filhos que se distinguiram na vida cultural: Valdomiro, Alarico, Agenor e João Silveira, sem falar em Breno, que morreu prematuramente quando acadêmico do Largo São Francisco e redator da revista *Cri-Cri*.

Valdomiro, figura mais expressiva da linhagem de quatro irmãos notáveis

Valdomiro Silveira, segundo recente estudo de Pêrciles Eugênio da Silva Ramos, a mais importante figura do movimento regionalista brasileiro com seus clássicos *Os Caboclos*, *Nas Serras e nas Furnas*, *Mixungangos*, *Leréias* e muitas outras obras ainda inéditas que o Conselho Federal de Cultura promete em breve publicar, nasceu em Cachoeira Paulista (1873) e faleceu em Santos (1941). Segue-se a série de três irmãos de Valdomiro — Alarico, Agenor, João Silveira —, todos com notável contribuição às letras nacionais.

Alarico Silveira destacou-se por larga atividade pública como Secretário da Higiene Municipal, Secretário do Interior em São Paulo e Secretário da Presidência da República, prestigiado sempre pela confiança de Washington Luís, que o chamou para essas altas funções mesmo não sendo ele um político militante, e sim apenas um homem íntegro e assombrosamente culto. Seu *Dicionário de Brasileirismos* teve sua parte inicial publicada pelo Instituto Nacional do Livro, mas infelizmente a incúria administrativa desse órgão permitiu que, após o falecimento do escritor e lá estando a obra arquivada, se perdessem milhares de fichas interessantíssimas anotadas durante toda a vida, registrando evoluções idiomáticas peculiares ao país.

Alarico, em seus cargos e pelo contato pessoal, deu estímulo a artistas como Brecheret, Cassiano Ricardo, Raul Bopp, Menotti del Picchia, participando com estes três últimos do "Movimento da Anta", de raízes nacionalistas, na segunda fase de "Semana de Arte Moderna".

Num artigo escrito para *A Época*, órgão dos estudantes da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro (n. 2, julho de 1927, ano XXII, Fase II), encontramos colocações proféticas do latino-americanismo que hoje estamos vivendo.

No julgamento de Martins Fontes, o mais belo soneto da língua portuguesa

Já Agenor Silveira oscilou seu interesse cultural entre a poética e os estudos idiomáticos, especializando-se no quinhentismo (sabia *Os Lusíadas* de cor), tendo publicado *Colocação dos Pronomes e Ouro de 24*, além de contos em saborosa linguagem clássica (*Moeda Antiga*). É de sua autoria um soneto que o poeta Martins Fontes reputava "ser, talvez, o mais belo da língua portuguesa":

*Antes de vir ao mundo eu era nada,
Na noite imensa do não-ser jazia;
Porém, não sendo, nada me afligia
E tudo era uma paz abençoada.
Hoje sou. Que é que sou, nesta morada
Onde se permanece um breve dia,
E onde raro se logra uma alegria*

Que não venha de dor acompanhada?

*Humilde ser, serei somente enquanto
M'o permitir aquele prazo incerto
Em que é forçoso mergulhar no olvido.*

*Se eu amanhã faltar, não haja pranto:
Das misérias terrenas já liberta,
Ser-me-á não-ser o prêmio de haver sido.*

João Silveira Júnior, o caçula dessa geração (...-1930), dedicou toda a sua vida ao jornalismo, aliás outra linha constante de atividades em que se esmeraram os Silveiras. Todos, praticamente todos, mantiveram presença constante em jornais e revistas do país, tendo João Silveira Júnior secretariado *O Correio Paulistano* por mais de vinte anos. Também poeta, vale a pena registrar o espírito semelhante com que abordou o mesmo tema do irmão Agenor:

*Quando eu morrer, quando eu me for embora
Desta existência para melhor vida,
Não quero que me venham, na partida,
Interromper essa infinita aurora...*

Na terceira geração, Dinah, Helena, Miroel, Isa, Almenor e outros, surgem os 100 Sonetos de Deus e do Demônio

Miroel Silveira

Na geração seguinte, a terceira, aparecem figuras de primeiro plano de nossa vida artística, destacando-se a romancista Dinah Silveira de Queiroz, que acaba de falecer deixando valiosa bagagem literária (*A Muralha*, *Margarida da Rocha*, *Floradas na Serra*, *Eu, Jesus*). Suas obras conheceram o sucesso internacional, em traduções para o francês, o italiano e até o japonês. Dinah foi quem iniciou a luta pela entrada da mulher na Academia Brasileira de Letras, tendo sido a segunda a ingressar na Casa de Machado de Assis, após ter cedido a vez a Rachel de Queiroz, prima de seu primeiro marido Narcélio de Queiroz.

Dinah era filha de Alarico Silveira, pai também de outra escritora, Helena Silveira, sua irmã, que mantém constante presença jornalística na *Folha de S. Paulo*. Helena obteve o prêmio "Antônio de Alcântara Machado" da Academia Paulista de Letras com o livro de contos *A Humilde Espera*, e publicou recentemente uma coletânea de crônicas sobre o Líbano, *Memória da Terra Assomada*.

Filhos de Valdomiro são Isa Silveira Leal, três vezes laureada com o prêmio "Jabuti" da Câmara Brasileira do Livro, e Miroel Silveira, contista, teatrólogo e encenador teatral. Isa tem 17 obras publicadas, todas dedicadas à juven-

tude. Sua personagem "Glorinha", que dá título a uma série, terá seu jubileu comemorado no ano próximo. Ao lado do marido, o escritor Alberto Leal (já falecido), também manteve expressiva atividade no rádio e na televisão.

Da mesma geração, o poeta e economista Cid Silveira, filho de Agenor Silveira, e seu irmão Almenor, há pouco falecido. Santista, voltado para o problema social, a poética de Cid freqüentemente aborda nossa sofrida realidade:

*Os trabalhadores das docas, externos,
Não usam camisa, mas faixa na ilharga.
Trabalham nas fumas do pior dos infernos,
Porões tenebrosos dos buques de carga.*

Almenor expressa preocupação metafísica, em seu livro *100 Sonetos de Deus e do Demônio*, que parece, de uma certa forma, enveredar pelo mesmo clima reflexivo dos sonetos de seu pai Agenor e de seu tio João Silveira Júnior, como se vê por este quarteto e pelo terceto final:

*Estes versos de amor que andei fazendo
Quando não tinha nada que fazer,
São os "eus" mais pessoais que andei vivendo
Na sempre incerta estrada do viver.*

*Só peço a Deus que tu estejas comigo
No meu leito, ou bem junto ao meu jazigo.
Quando o meu último eu não for mais eu.*

Da prole de João Silveira Júnior é Breno Silveira (sobrinho), contista, autor da celebrada *Arte de Traduzir*, encerrando com versões de

inúmeros autores célebres a fileira de nomes da terceira geração, a formada pelos netos de João Batista da Silveira, o tropeiro de Queluz que trocou a roça pela vida intelectual 100 anos atrás.

*Enio, ensaísta e editor,
expressa a quarta
geração que
prossegue em Ana Maria,
representando a quinta
geração*

Mas a tradição literária continua em gerações adiante.

Na quarta, aparece Enio Silveira, além de ensaísta, editor renomado, bisneto de João Batista e neto de Valdomiro Silveira (filho de Mero-veu Silveira). Sua atividade intelectual é extremamente abrangente, iniciando-se na Editora Nacional e prosseguindo até hoje na Civilização Brasileira, cidadela que não se rendeu durante períodos difíceis da recente vida da nação.

Rematando a seqüência do vírus literário e jornalístico da família Silveira, encontramos agora, na quinta geração, Ana Maria Leal Góes Melo, neta de Isa Silveira Leal, bisneta de Valdomiro Silveira e tataraneta do fundador, João Batista da Silveira. Ana Maria, jornalista, acaba de ser premiada por uma reportagem em que focaliza seu tio-avô Miroel Silveira. Dessa pescaria a domicílio sobra para agora a pergunta que nos vem diante de toda essa continuidade histórica de escritores-jornalistas se sucedendo: herança genética, ou perigosa contaminação?

Abaixo, à esquerda, o casal Valdomiro-Maria Isabel Silveira, na década de 30, em sua residência de Santos (Av. Conselheiro Nébias, 816). À direita, as irmãs Helena Silveira e Dinah Silveira de Queiroz ladeando o embaixador Dário Castro Alves, marido da segunda. A foto foi tirada dois dias antes do falecimento de Dinah (18-11-82).



Valdomiro antecipa **Os Sertões**

EU, NO SERTÃO

Valdomiro Silveira

Quando transpusemos a lombada dos Três Ranchos, agreste e ingrata com os seus vassourais e areões, sentimos bem que o sertão se nos ia desentranhar cheio de promessas e de dúvidas, rico de sapu-
vucus e de urtigas brancas, de palmitos e de paus-d'alho, mas de horizontes fechados à vista e abertos à desoladora invasão das geadas.

Mandou-se fazer, no Silva, um almoço maneiro: arroz com couve rasgada e ovos fritos, e ao primeiro embriavecer do sol os nossos animais entraram a lutar com o estrado pesadono. Parecia-nos ver a cada passo — tanto era viva a soalheira e faiscante a sua refração na areia — surgir da samambaiada o vulto insinuante e perigoso de um jararacuçu de três metros...

Levávamos ainda a imaginação carregada de notícias estapafúrdias, colhidas na última estação da Sorocabana, e que de certo eram o exagero de espíritos cansados e preguiçosos, que, de súbito, se sentiram na precisão de con-

tar alguma coisa nova e inédita ao moço promotor que se dirigia, muito apercebido de esperanças, para a sua comarca longínqua.

Por estapafúrdias que fossem, contudo, as notícias eram verdadeiras. Lá existia, no cartório do júri, o processo instaurado a esse lendário e assombroso Frei Manuel, que, saído de um rincão do Araguaia, nas proximidades de S. Manuel do Paraíso, se fez de repente missionário de uma delegação do céu. Esse caipira comum, que estanciara anos e anos por Borucatu, onde era conhecido pelo nome de Joaquim Catirina, entrou em Santa Cruz do Rio Pardo sem o mínimo rumor, à procura de um sobrinho pequeno.

Este piazinho, que morara algum tempo em casa do Capitão Galdino, já lá não estava quando o tio o buscou. Na sala da frente, mal que a cosa se abriu, estava o antigo escravidão dos órfãos a fumar o seu décimo cigarro da manhã, quando um caboclo magro, mas alentado, chegou à porta

e, com o chapéu delicadamente afastado da cabeça, lhe perguntou pelo menino.

Ouvindo que já ali se não achava de meses, despediu-se com a mesma cortesia com que endereçara a palavra ao velho dono da casa. E o velho dono da casa, paciente de uma enfermidade da medula, mas que tinha a rizeja de um cerne de guaiúvira, assegurava-nos, ainda uns três anos depois, que o olhar daquele mixungo era tão metálico e tão penetrante que, durante o dia inteiro, não teve ele saúde nem sossego...

Legião de 1.600 fanáticos sob o comando de Frei Manuel em marcha permanente

Este o rude missionário que ia levantar em massa a caipirada do Ribeirão Grande, da Água Espraiada, da Água Seja e do Copim: fascinador sem dúvida que, conhecendo alguma vez a força dos seus olhos, se determinou em tomar partido, e grande partido, daquela oculta força; fanático vulgar, talvez, que, com a mente solicitada em certo momento pela credence e pela superstição dos matutos, rompeu diante deles como uma primeira figura obrigatória. Não foi arrastado, porque era empurrado; não se fez caudatário de uma procissão, porque teve de guiá-la e dominá-la.

Um dia, a cerca de quatro léguas de São José dos Campos Novos, Frei Manuel ia pelos caminhos acompanhado de umas mil e seiscentas pessoas: foi a que nos contaram. Não se distinguia dos outros fiéis por veste nem sinal diferente: apenas era rodeado pelos violeiros que, como numa Folia do Divino, levavam os pinhos enfeitados de fitas,

de sempre-vivos e de suspiros. Onde quer que resolvesse ficar, parava: os seus apóstolos, que nunca o largavam, transmitiam a resolução ao povo; o dono do rancho recebia-o, quase sempre, com o ar de felicidade de quem vê chegar o que mais almejava, e os seguidores se arranjavam pelas cercanias do rancho, mal-e-mal, até que Frei Manuel quisesse de novo abrir a marcha.

Frei Manuel, então, batizava e casava; curava os doentes, com imposição de mãos e beberagens feitas de ervas e raízes mal conhecidas; compunha os desavindos; escondia o demônio, se se lhe deparava nalgum pobre tapiacano amarelo e comedor de terra; fechava o corpo aos homens e às mulheres.

O fechamento do corpo tinha solenidade de rito. Era feito às ocultas do povo, só lhe assistiam os apóstolos. Houve, porém, muita vez que, para fechar o corpo a uma dona mofina ou a uma moça muito empalamada,



TÃO

Curiosamente, Valdomiro Silveira antecipa aqui, num texto de 1894 que retrata um episódio da época (desenrolado na região Botucatu-Santa Cruz do Rio Pardo), o mesmo tema que Euclides retomaria em **Os Sertões**: o fanatismo religioso das populações primitivas. Vale acrescentar que Euclides, Valdomiro, Escobar e outros amigos formaram nos fins do século passado e princípios deste um pequeno cenáculo literário para troca de leituras em São José do Rio Pardo, onde o jovem engenheiro e escritor construía a ponte famosa.

Frei Manuel recolhia-se com ela a um quarto, fazia as suas rezas e benzeduras, e marido ou pai ficava à porta do quarto cerrado à taratela, enquanto fora, na sala de entrada, pelos outros aposentos e no terreiro, as apostólas e os violeiros sapateavam e trançavam, num fandango entusiasmado, e a pinga andava de déu em déu por todos os cantos.

Fechado o corpo a alguém, esse alguém não seria matado a ferro quente ou a ferro frio: a faca não lhe entrava nas carnes, o chumbo caía ao chão ou voltava ao atirador, já frio e inofensivo. As doenças passavam de longe, a desgraça não se aproximava. E tudo corria bem como nas delícias do paraíso!

Mas os fiéis de Frei Manuel começaram a julgar-se melhores que todos e superiores a tudo. Apoderaram-se do alheio; atacados alguma vez, defenderam-se e feriram os reivindicantes; chegaram a matar. Se para muitos o avançamento do santo (como já

lhe chamavam) era a salvação e a prosperidade do sertão fundo, a outros já se lhes afigurava a ameaça de um bruto perigo. A polícia entrou a incomodar o Joaquim Catirina de outrora, como se ele não fosse o aprontador de milagres e o sarador das moléstias mortais: e a onda de fiéis, corajosa mas prudente, pegou a oscilar e a flutuar dos bairros mais cidadãos para os mais remotos, cuidando em tomar o rumo da mataria virgem.

Uma noite, entretanto, em que Frei Manuel cumpria a sua missão, numa casa de pau-a-pique, entre tocatas e danças, apareceu inesperadamente uma escolta. Há quem diga que a escolta, composta de soldados e bate-paus, foi logo enveredando para a casa a fim de cercá-la, nada dizendo aos que lá estavam. Segundo quem tal afirma, um do bando atirou em Frei Manuel, de traição, estendendo-o com esse tiro. Outros, porém, juram que os fiéis, já então havidos pela justiça como

homicidas e ladrões, resistiram à prisão que lhes era intimada legalmente.

Chegou-se a pensar que naquele animal agitava-se a alma de Frei Manuel para consola dos fiéis

O certo é que Frei Manuel, que fechara o corpo a tantos e a tantas, morreu a tiro como qualquer desgraçado que não tivesse embaixados do alto. E é também certo que seus seguidores, apesar de amedrontados e de andarem numa fuga constante de então para mais tarde, plantaram uma cruz no lugar da morte, rodearam de flores o cômodo subjacente a ela e fizeram em roda um cercado.

Aconteceu que um dia surgiu naquele cercado, não se

sabe como, uma cachorra de tetas cheias e duras. Estava aleitando, com certeza, e mataram-lhe algures os filhos tenrinhos. Com os ubres apojados, a cachorra uivava de aflição e esfregava-se pelo cercado da cruz. Os fiéis irremalhados daqueles arredores, reunindo-se por horas, fizeram-lhe grande festa, julgando-a por enviada de Frei Manuel para consola deles. Enfeitaram-na muito, acariciaram-na, trataram-na com todo o amor, e houve alguns que chegaram a dizer, convictamente, que no corpo daquela pobre cachorra magra estava a alma argentea do santo.

E santo era, não há dúvida. Tanto assim que, pouco depois, dois dos da comitiva de Frei Manuel, então presos, responderam a júri e foram condenados; mandados para São Paulo, estiveram dias na penitenciária, donde fugiram facilmente. E São Sebastião, que por último foi condenado e um pouco depois remetido para São Paulo, esse nem

chegou a meio caminho: subverteu-se no Turvo, alla noite, escapando aos soldados que o vinham conduzindo, embora a noite fosse escura por demais e o rio crescesse de monte a monte...

Valdomiro Silveira, na última década do século passado, muito jovem ainda foi nomeado promotor público de Santa Cruz do Rio Pardo, "sertão" na época, tendo ali vivenciado grande parte da experiência humana que depois se projetaria em sua obra. * Manoel Victor Filho, professor de desenho, pintor, ilustrador e promotor visual, ilustrou as obras infantis de Monteiro Lobato.



ISABEL QUIS VALDOMIRO

Este é o primeiro capítulo do livro *Isabel quis Valdomiro*, escrito pela esposa do contista. O texto ganha força pela sua simplicidade e maneira direta de narrar os fatos, sobre os quais perpassa um leve sopro de ingenuidade amorosa.

Maria Isabel G. Silveira

Às vezes não posso deixar de sorrir e também de corar, porque aquele que seria meu marido... me conquistou a baía!

Violência? Bem, não chegou a tanto. Morávamos na ocasião, minha família e eu, na Rua Alegre da Luz, em São Paulo, na

verdade uma ruazinha alegre e ruidosa naquele longínquo 1888, composta apenas de treze famílias diferentes. Nossa casa tinha o número 8,

e no 22 moravam uns rapazes, todos irmãos, entre os quais havia um com o qual eu não simpatizava, por causa de seus modos compenetrados, exageradamente sérios, apesar dos seus 17 anos. Vestia, infalivelmente, sobrecasaca preta, e, como fosse magro e tivesse o pescoço comprido, eu lhe pus o apelido de "Ganso".

Nunca nos tínhamos falado, mas, como eu estivesse à janela com uma tia ao entardecer de certo dia de junho, o Ganso ao passar pela calçada inesperadamente parou e me dirigiu a palavra:

O pretendente ganha um apelido e descobre a tática que não falha

— Minha noivota! Você vai casar comigo...

Indignada, retirei depressa as mãos que ele tentava segurar e, para debicá-lo, comecei a encolher e a esticar o pescoço como fazem os gansos. Eu e minha tia Maria, que era muito bonita e ainda mocinha, rimos a bandeiras despregadas, sem que o Ganso demonstrasse aborrecimento por isso. Afastouse, rindo também, e nos dias que se seguiram tentou reaproximar-se e falar-me de novo. Eu, porém, mal o avistava me escondia dentro de casa.

Um dia, no entanto, fui apanhada de surpresa. Ao chegar à janela encontrei mamãe conversando com o Ganso, e não pude retirar-me. Nessa altura estava justamente o Ganso explicando a mamãe que há vários dias vinha comprando balas para me dar, mas que eu fugia sempre na hora em que ele se aproximava. Agora mesmo tinha um pacote na mão — pacote que olhei cobiçosamente — e que pouco depois recebi entusiasmada. Mamãe fez então as apresentações:

— Valdomiro Silveira, estudante de Direito, nosso vizinho. Esta aqui é a Isabel, minha filha.

Ele não perdeu a oportunidade e repetiu:

— Isabel é minha noivota, a senhora sabia?

Fiquei novamente furiosa, mas o pacote de balas amortecia muito minha ira, devo confessar. Valdomiro percebeu a brecha aberta nas linhas inimigas e se apressou em declarar:

— A partir de amanhã vou lhe trazer um pacote de balas todas as tardes, sempre que voltar da cidade.

Não pude deixar de sorrir ante a perspectiva de ter todos os dias balas tão deliciosas, e Valdomiro cumpriu religiosamente sua promessa durante os dias e meses que se seguiram, o ponto de inspirar-me enorme gratidão. Da gratidão à simpatia, da simpatia à amizade e da amizade ao amor o caminho não é longo, e foi o caminho que percorri.

Ah! esqueci de contar que eu tinha, na ocasião em que nos conhecemos, apenas oito anos de idade...

Maria Isabel G. Silveira publicou *Isabel quis Valdomiro* aos 80 anos (1960), curioso livro de memórias em que seu espírito meigo e brincalhão descreve as peripécias vividas para criar seus cinco filhos. Também publicou na imprensa (*Radar* e *O Diário de Santos*) várias crônicas humorísticas sob o pseudônimo de Baronesa de Itororó. ★ Eugênio Colanese, desenhista, ilustrador, premiado com Medalha de Ouro de Ilustração, em Buenos Aires. Colaborador, com louvor, da Fleetway Publications, Inglaterra.





Colombo

NATAL

COM GOSTO DE BRASIL

Abguar Bastos



Ganhou o Natal, no Brasil, acentuada cor local, principalmente em algumas regiões do Norte e do Nordeste. No Nordeste, os festejos não se encerram entre 24 e 25 de dezembro, pois o ciclo natalino vai até 6 ou 20 de janeiro, Dia de São Sebastião. Os Reis ou Folias de Reis são entremeados de cheganças, do bumba-meu-boi e da burrinha, que representam a viagem e a chegada dos Reis Magos.

O Natal é distinto nas formas em que se apresenta: a religiosa e a profana, esta dividida em atos de devoção particular ou simples divertimento de rua.

Há quatro pontos altos no ciclo natalino: o Presépio, a Missa do Galo, a Ceia e as Folias de Reis.

Na liturgia católica a Missa do Galo marca o exato momento em que Jesus vinha ao mundo para distribuir Paz, Humildade e Fraternidade. Também para mostrar que havia apenas um Deus para todos os humanos e não deuses, às vezes ferozes, para cada povo.

Após a Missa do Galo, segue-se a ceia do Natal, com o clássico peru, as passas, as figas, as nozes, os castanhas, as tâmaras e o famoso panetone. Além disto há sempre um prato especial: as rabanadas ou fatias paridas, como são conhecidas no Norte.

Sendo a Missa do Galo um culto ao nascimento de Jesus, entre rezas de louvação e proteção, há sempre uma grande expectativa, principalmente nas pequenas cidades, para o bimbalar dos sinos, anunciando o grande acontecimento.

Natal, segundo Mello Moraes, vem de *nataes*, "produções em verso destinadas a celebrar o nascimento de Jesus". Era um momento em que trovadores e menestrels se exibiam nas lapinhas. Representavam os chamados *Mistérios*. A participação negra no Rio era feita em danças nas fazendas, em áreas próximas nos cortejos e no desfile dos *Cucumbis*, "com negros e negros vestidos de penas".

No Rio Grande do Norte e outros Estados do Nordeste, as pastorinhas se exibiam "à porta das casas, diante do presépio, para entreter o povo que esperava a Missa do Galo".

O que agitava as pastoras era o tremelicar de seus pandeiros e a ostentação das fitas nos cabelos, nas roupas e nos instrumentos de música.

Os pastores têm enredos e manifestações que diferem em alguns aspectos das pastorinhas. O pastoril está nos carros, nos tabladões, nos palcos, nas praças, com variadas personagens, conforme a imaginação do preparador do auto.

Desde Gil Vicente, o auto natalino, de um teatro de Corte, passou para as engenhos dos folguedos populares

Convém registrar que, conforme assinala Manuel Querino, os autos de Natal tiveram início em Portugal, com Gil Vicente, em 1502, quando "compôs o primeiro auto pastoril a pedido da rainha D. Beatriz, o que certamente aumentou o realce do corte de D. Manuel". Em nota ao assunto, o autor informa que o *Monólogo do Vaqueiro* foi feito para felicitar a rainha D. Maria, pelo nascimento de D. João III, sendo que D. Beatriz não era rainha, porém mãe de D. Manuel.

Os autos se perpetuaram nos pastores brasileiros de maneira especial e com pouca similitude com o primeiro auto português.

Na Bahia, preparavam-se para os pastores figuras de barro, madeira, jaspe ou papelão, com muito dourado, prateado e colorido para maior empolgação do desfile ou da representação.

Há várias narrativas populares, como registrou Oswald Xidieh, que se referem a profecias e ao nascimento de Jesus. Dizem uns que um menino qualquer, ao nascer, logo se pôs a falar anunciando que um "rei e salvador do mundo" iria nascer de uma virgem "entre um burrinho e um boi-zinho, alumado por uma estrela". Outra versão indica que o próprio Jesus falara logo ao vir ao mundo dizendo que era filho de Deus e vinha salvar a humanidade.

Sobre a presença do Galo na liturgia católica há outra tradição popular que é a de proclamar que quando o Menino nasceu os galos cantaram: "Jesus nasceu."

Segundo Veríssimo de Mello, os pastores foram introduzidos no Brasil, "para alguns, no século XVI pelos padres portugueses". Mas, de acordo com Mário de Andrade, tanto as músicas como os textos apareceram no Brasil nos fins

do século XVIII e princípios do século XIX.

Sucedem-se nos pastores não apenas cantos, porém diálogos como desenvoltura de um entrecio em homenagem à grande noite.

No Norte (Pará, por exemplo) houve duas épocas: a das pastorinhas que dançavam, cantavam e dialogavam em frente ao presépio, sem sair da casa de louvação e outras que saíam às ruas para visitar casas onde houvesse lapinhas, e a das representações teatrais de que participavam Herodes, soldados e Lúcifer, entre outras várias personagens. As pastorinhas tinham como figuras obrigatórias o Pastor, o Anjo, a Estrela, a Cigana e as Pastoras. A Cigana era sempre a mais cortejada, a ela competindo recolher as dádivas ao Menino Jesus. Geralmente escolhiam moças bonitas para o papel.

O Natal não se encerra entre 24 e 25 de dezembro.

No Nordeste, os pastores ou lapinhas dão grande contribuição popular aos festejos natalinos

Desenvolve-se o ciclo natalino que às vezes se encerra no Dia de Reis ou então prossegue até dia 20 de janeiro, Dia de São Sebastião.

Os Reis ou Folias de Reis, às vezes entremeados de cheganças e bumba-meu-boi ou a burrinha, representam a viagem e a chegada dos Reis Magos ao local do nascimento de Jesus, guiados por uma estrela (que muitos acham ter sido o cometa de Halley).

Diz a tradição popular que, dos três reis, um era branco (Belchior), outro era caboclo (Gaspar) e outro era negro (Baltazar). A esse propósito, alguns autos brasileiros apresentam Baltazar maltratado pelos companheiros de jornada. Mesmo assim, consegue chegar em primeiro lugar ao presépio "e recebe uma coroa de ouro". Perseguido pelos outros dois reis, Baltazar joga a coroa no rio, mas Deus o re-

compensa. "dotando-lhe de poderes mágicos" (Xidieh).

Véspera de Reis é uma noite festiva, tanto quanto a noite de Natal, porquanto os presépios continuam armados, à espera dos Reis que vão representar nas casas que os contratam.

Lapinhas são os pastores com cantos, diálogos e danças estranhas às motivações do Natal. São peças em que, às vezes, as personagens são os continentes, como o *Baile das Quatro Partes do Mundo*, em que nem Jesus nem os Reis participam.

Os pastores são peças cômicas ou dramáticas. São uma sequência de peças distintas entre si. Hildegarda Vianna, referindo-se aos pastores da Bahia, fala das várias entrecios em que o ato se desenvolve, como *O Filho Pródigo*, *Elvira*, *O Meirinho*, *O Vizinho Sussu*, *Elmano*, *Quatro Estações*, *Tentação*, *Os Astros*. Há marchas na direção de Belém com bailados e passos balanceados.

Em Goiás, segundo Regina Lacerda, há grupos com nomes de "Baile dos Astros", "Baile das Flores", "Triunfo do Amor", "Baile das Borboletas", alguns representados em palcos.

Trechos de ópera são aproveitados nos pastores. Mas a nota empolgante são os presépios armados nas igrejas, conventos e casas particulares, com centenas de figurinhas de bichos, santos e peregrinos, além do céu de cetim azul com nuvens de algodão e estrelas de papel prateado, cenário em que se destaca a manjedoura e o berço do Menino Deus.

Manuel Querino assim descreve um presépio: "um monte escarpado, águas cristalinas correndo em sinuosidades; ao fundo a cidade de Belém, com suas torres, zimbórios e fortalezas; descendo por montes e serras os três Reis Magos, com seus criados; animais conduzindo cargas; árvores e arbustos de tamanhos diversos; criações de toda a espécie; pastores com oferendas; figuras de escalças e de tunicas, no estilo antigo; animais bebendo água;... e em frente à mesa, na parte inferior do presépio, uma tela, onde estavam bem pintados os frutos do Natal."

As coplas natalinas falavam em "Céu de estrelinhas douradas, estrelas de papelão; brancas nuvens de plumagem de algodão; anjos saltos pelas ares; peixes saindo das mares". E os Reis Magos, São José ajoelhado e a Maria Santíssima. Mas na maioria dos presépios não faltava a estrela, com seus raios de fios de linha que desciam à lapa onde Jesus repousava. Enchiam a noite os cantos e o ressoar dos pandeiros e das castanholas.

Côscia Frade fala das Folias de Reis no Rio, onde havia pagamento de promessas e iam de 24 de dezembro a 20 de janeiro.

Pedidos para que lhes abram as portas, saudação, canto "Jornadas dos Reis Magos" e passagens da vida de Cristo são segmentos da representação até as Despedidas e os Agradecimentos. A autoridade central é o Mestre. Mas há o "Contramestre, o Pandeirista, o Caixa e o Trianguleiro". Cada jornada tem um nome como "Estrela do Oriente". Os grupos são seguidos pelas Pastorinhas, pelo Anjo e pelas Pastoras.

Em São Paulo predominam hoje presépios mecânicos e as festas se dividem entre o ritual católico, alguns desfiles de rua e as reuniões familiares. No interior o ciclo natalino absorve as Folias de Reis "com a incorporação de elementos autênticos do folclore são-franciscano" (Hélio Damante). São Luiz do Paraitinga mantém as tradições dos pastores "sem descaracterização". No litoral norte há o Reisado, com referências à Paixão de Cristo (Rossini Tavares de Lima). Em Ilhabela o "Bloco de Reis" se exhibe "desde o início de dezembro até 20 de janeiro". O Reisado é versão cearense da Folia de Reis. Florival Seraine alude às suas "figuras de animais e outras, algumas com aspecto fantasmal do bumba-meu-boi". Exibem atos religiosos.

Abgaur Bastos, escritor, jornalista, historiador. Autor de *Os Cultos Mágico-Religiosos no Brasil*. Membro da Comissão de Cultura da Secretaria de Estado de Cultura do Estado de São Paulo. Manuel Victor Filho, professor de desenho, pintor, ilustrador e programador visual, ilustrou as obras infantis de Monteiro Lobato.

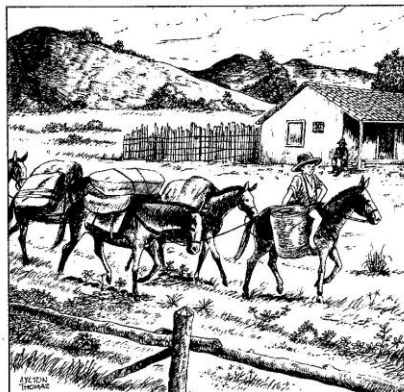
CORNÉLIO PIRES, O CRONISTA DE UM MUNDO QUASE PERDIDO

Neste trabalho o escritor e jornalista Ernani Silva Bruno lembra a figura do escritor Cornélio Pires, um dos pioneiros na preocupação de descrever e interpretar — inspirado em propósitos literários — a vida roqueira de São Paulo, no começo deste século. E faz um apelo aos órgãos culturais do Estado no sentido de que promovam a reedição de suas obras principais.

Ernani Silva Bruno



A caça constituía sempre uma das atividades fundamentais para garantir a subsistência do roqueiro paulista. A literatura regionalista a focalizou com frequência.



A pequena tropa cargueira — cujo uso persiste ainda em certas regiões paulistas — era traço quase infalível na paisagem humana do mundo que Cornélio Pires descreveu.

Um desafio que precisa ser enfrentado e vencido pelos nossos órgãos culturais — quaisquer que sejam as dificuldades e os obstáculos que se oponham a isso — é o da necessidade da reedição dos livros de Cornélio Pires. Não é possível que o recado desse inimitável cronista do mundo caipira — recado distribuído por edições feitas há pouco mais ou há pouco menos de meio século — só possa ser transmitido aos leitores de hoje se esses leitores forem às bibliotecas públicas ou recorrerem à generosidade de algum bibliófilo menos ciumentoso.

Daquelas pessoas que se interessam por livros — e notadamente entre as de menos de quarenta anos de idade — quantos terão visto, alguma vez, um exemplar da *Seleção Caipira*, de *Cenas e paisagens de minha terra*, de *As estrambóticas aventuras de Joaquim Bentinho*? E note-se que não apenas em livros se contém o documentário do folclore paulista realizado pelo autor de *Meu Sambaú*. Ele produziu diversos filmes e mais de cem discos em que se registram poesias, travas, modas de viola e textos expressivos da vida e dos costumes do interior de São Paulo.

O roqueiro paulista como inspiração e tema literário

Pode-se dizer que a carreira literária de Cornélio Pires — ensaiada de início em pequenos jornais e efêmeras revistas — atingiu a escala do livro com um empurrão de Amadeu Amaral, que, lendo um soneto de inspiração caipira,

de Cornélio, lhe teria dito: "Muito bem! Você descobriu um filão a explorar e que está inteiramente abandonado. Continue, escreva um livro..." Acatando a sugestão do escritor, então já consagrado, Cornélio Pires entregava pouco tempo depois, a um livreiro, os originais de *Musa Caipira*. Era o ano de 1910. Os trabalhos reunidos nesse volume — acrescidos de outros — figurariam depois em *Cenas e paisagens de minha terra*.

Entretanto, mesmo depois que publicou seu primeiro livro de contos, *Quem conta um conto...* (1916), e em seguida as famosas *Conversas ao pé do fogo* (1921), Cornélio confessava, em entrevista à imprensa, que se considerava uma espécie de "corpo estranho" no mundo literário ou intelectual de São Paulo.

Talvez se sentisse um caipira, ele próprio, sem status e sem leituras suficientes para poder participar do universo sofisticado dos intelectuais da época. Na verdade, isso não ocorria. O caipira autêntico não via, em Cornélio, um dos seus. E dessa situação é bem eloquente o caso ocorrido em uma ocasião em que o criador de Joaquim Bentinho procurava aumentar os recursos de uma olaria, que montara no interior, com o "cachê" que arrecadava nos espetáculos em que, na capital de São Paulo, contava anedotas caipiras. Um irmão de Cornélio, indo procurá-lo na olaria, recebeu de um dos homens que ali trabalhavam a comovente informação: "Não tá. Foi em São Paulo arremedá nós pra made ganhá dinheiro."

Na realidade, parece evidente que Cornélio Pires se notabilizou na literatura por sua inspiração e seu tema — a existência característica do roqueiro paulista. Escrevia da mesma forma que os outros escritores de seu tempo. Rigorosamente, a linguagem caipira (ou a sintaxe caipira) só aparece, em seus livros, na

boca de seus personagens. Na dele, não. Como observa Macedo Dantas — seguramente o melhor conhecedor de sua obra —, Cornélio Pires defrontou-se, na tentativa de interpretar literariamente a vida do roqueiro paulista, com o problema da "língua dual". O que ocorreu também com o regionalista Valdomiro Silveira, dotado no entanto de maiores recursos literários que o autor de *Conversas ao pé do fogo*.

O registro e a memória da cultura caipira

Terá havido uma época de apogeu da "cultura caipira" em São Paulo? Amadeu Amaral, ao publicar em 1920 seu *O Dialeto Caipira*, dizia que "até cerca de 25 a 30 anos atrás" um dialeto bem definido existia em terras paulistas, acrescentando que "de algumas décadas para cá" tudo entrara em transformação e que "os genuínos caipiras, os roqueiros ignorantes e atrasados, começaram também a ser postos de banda". Observava ainda que o caipira tornava-se cada vez mais raro, havendo áreas do Estado, sobretudo no extremo Oeste, onde raramente se encontraria "um autêntico representante da espécie".

Essa observação de Amadeu Amaral teria de certa forma uma explicação sociológica no excelente perfil do caipira traçado por Antônio Cândido em seu estudo *Os Parcerias do Rio Bonito*: "Esse caçador subnutrido, senhor de seu destino graças à independência precária da miséria, refugiou o enquadramento do sa-

lário e do patrão como eles lhe foram apresentados, em moldes traçados para o trabalho servil. O escravo e o colono europeu foram chamados, sucessivamente, a desempenhar o papel que ele não pôde, não soube ou não quis encarnar."

O convívio com boiadeiros, tropeiros e tocadores de viola

E foi talvez sob a ameaça de desaparecimento de seus traços mais vivos de fins do século passado às primeiras décadas do atual que a realidade desse mundo caipira paulista e de regiões limítrofes se projetou em nossa literatura. Publicaram-se então os Contos da Roça Rústica (1918), de Carlos da Fonseca, Vida Rústica (1919), de Ana Rosa, Romance de Costumes Paulistas (1920), de Jerônimo Osório, autores hoje esquecidos e cujos livros também se transformaram em outras tantas raridades. Sem se falar nos

contos regionais de Valdomiro Silveira (recentemente reeditados), de Otaniel Mota e de Amando Caiubi — a que se poderiam acrescentar as narrativas de Urupês, de Lobato, a despeito do tom caricatural com que o escritor descreveu o caipira, simbolizando-o na figura de Jeca-Tatu.

Mas coube a Cornélio Pires — como escreveu certa vez o professor Florestan Fernandes, ao mostrar que se inspiraram em propósitos literários as primeiras tentativas de descrição sistemática do folclore paulista — o esforço mais persistente e contínuo nesse sentido. Dispunha, para isso, de condições excepcionais. Viveu muito no interior, em Barueri, em Itú, em Tietê, em Porto Feliz, em Capivari, em São Paulo dos Aguas. Dele observou Cândido Mota Filho, que o conheceu bem: "Convivia com tropeiros, boiadeiros, roceiros, tocadores de viola. Ia pescar com eles. Com eles ia ao circo de cavalinhos."

Em seus livros, Cornélio Pires, com agudo senso de observação, retratou a habitação caipira mais característica, referindo-se à casa dentro de um manguieirão, com figueiras e coqueiros, pés de pinhão-paraguai, cochos em forquilha, chiqueirão de um lado, paiol, horta-jardim e pomar. Junto às portas, as pe-

dras de afiar. Ao lado da horta, misto de jardim e campo de plantas medicinais, a ervacideira, o coentro, a hortelã, o cravo-chito e o cravo-defunto.

Não menos sugestivo e vivo, o registro que fez da indumentária caipira. De seus contos e suas crônicas salta, bem desenhada, a figura do "caipira proprietário", sempre de chapéu de pano, lenço amarrado no pescoço, calça de riscado presa por cinta de couro curtido, chinelos de liga caradegato ou então sapatões de vaqueta branca-amarela ou botinas de elástico. E a figura do caipira mais humilde, carregando a tiracola um saquinho com fumo, palha, isqueiro de taquara com tampo de cuia, pedras de fogo e um pedaço de lima à guisa de fuzil.

No capítulo das armas, anotava que no sul paulista era comum o cabo de reinho pendurado no pulso, sem o açoite ou guasca, e, nas áreas próximas do território mineiro, uma espécie de varapau de piúva ou perobinha, com um metro e meio de comprimento, para os passeios ao povoado. E, para o giro na vendinha de beira de estrada ou nas viagens, uma vara do mesmo tipo tendo encabado em uma das pontas um podão, pequena foice usada pelos cortadores de cana.

Não lhe escaparam ao

olhar indagador e curioso as coisas e as peças ligadas às crenças ou credices do mundo caipira. Os mastros pintados em gomos azuis e rosas, com o mesmo caixilho exibindo, costa com costa, os dois santos prediletos, Santo Antônio e São João. E os rosários de contas de capim, os bentinhos, o dente de porco ou de jacaré e um patuá, saquinho fechado envolvendo uma oração e uma pedra do Bom Jesus de Pirapora.

Nem se esqueceu de registrar o mérito dos "viroleiros antigos", capazes de dançar em diversos passos e requieiros de corpo, que os outros dançadores não saberiam executar. Por exemplo: ajoelhar, saltar para cima, de lado ou para trás ou virar cambalhotas tocando viola. "Os catireiros ou dançadores de cateretê cantam as modas e recortes batendo palmas e sapateando aos saltos, com uma vivacidade incrível em gente aparentemente molenga."

Teria sido, assim, Cornélio Pires o cronista de um mundo perdido? Eu diria que de um mundo quase perdido. Vestígios do mundo caipira sobrevivem nos gestos, nos costumes, nas palavras que utilizamos. Na fundo de nossa memória coletiva está a velha paisagem caipira, com suas ligueras e suas coivaras, seus caçadores rústicos atraindo

com pios traiçoeiros os esquivos nambus e macucos. Sambros de homens que não procuravam, mas campeavam. Que não pensavam, mas assuntavam. Que não cismavam, mas banzavam. Que não sentiam preguiça, mas lombeira. E todas as cores e todos os sons de um mundo que não se governava pelas horas, porque havia só o amidiar dos galos, o pino do sol e a boca da noite.

Enani Silva Bruno, jornalista e escritor, autor de História e Tradições da Cidade de São Paulo; História do Brasil: Geral e Regional e Viagem ao País dos Paulistas. (Prêmio Obvio Tarquínio de Sousa.) * Aylton Thomaz, desenhista, ilustrador, trabalhando para editoras e agências publicitárias. É autor de vários livros de desenho, entre eles Curso Completo de Desenho Cômico.

UMA AMOSTRA DA PROSA DE CORNÉLIO

"Ao entardecer, à hora da merenda, a pobre sala se anima."

Cada roceiro, que chega do serviço, arria num canto o seu feixe de lenha, catada na tigueria onde há pouco existiam as roças que foram colhidas.

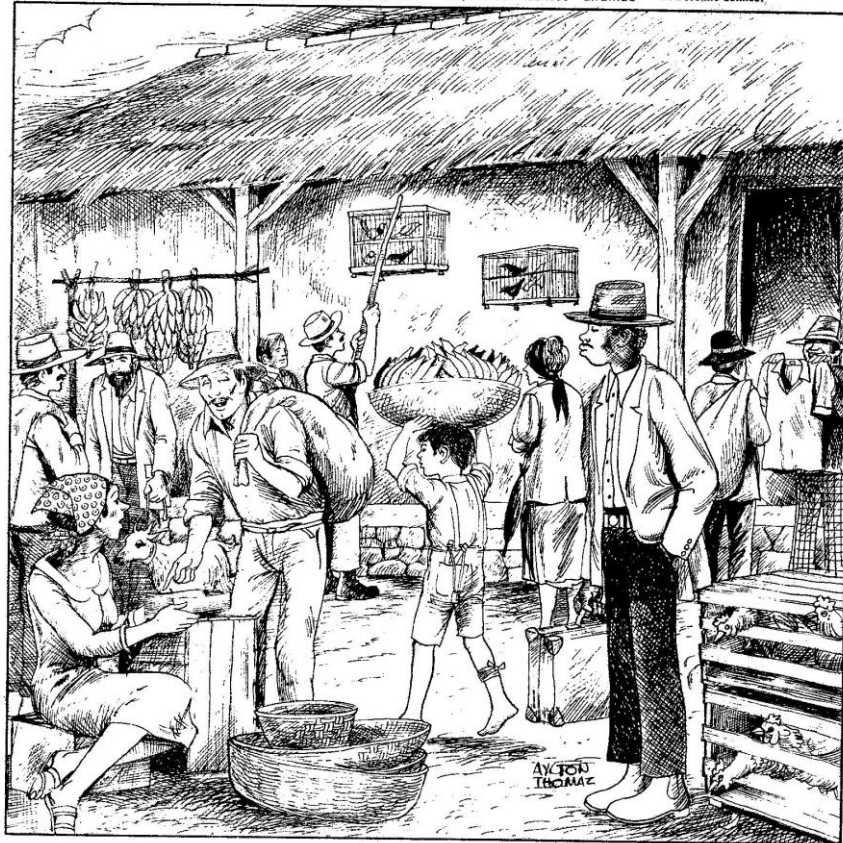
É a noite desce. Eis-nos, enfim, reunidos ao pé do fogo, contando histórias de assombrações e casos de almas do outro mundo ou narrando episódios e casos engraçados da vida roceira, entrementados de hum-huns de negros velhos e negras cadeiradas e pimponas, e chiiis de caboclos vizinhos, que vêm "bater taquara" até tarde ou "filar prosa" da moço da cidade que sabe coisas "cuma quê"...

O pessoal está reunido.

Lá fora o vento uiva e resmunga no beiral da casa velha, enquanto grunhem e choram os porcos no chiqueiro, amontoados, procurando, os magros, quente conchego entre os rotundos cevados, que protestam em bufos semelhantes a tosses roucas.

Cá dentro, ao pé do fogo, estão os velhos pretos "litos" Romualdo, Militão, Panciano, a boa e pesadona Tia Policeno; as sacudidas Zabe, Flora e Gertrudes; os guapos Misael, Terenciano e Indício; os crias, o bom velho, caipira branco, Nhô Tamê, venerável chefe da fazenda Velha, e caboclos da vizinhança que vêm "lavar cachorro..."

Do pavo que se reúne ao pé do fogo, tira por conta o Joaquim Bentinho, o rei dos caipiras mentirosos, apelidado o "Queima Campo".



O mercado dominieiro das cidades era o ponto de reunião e negócio no "mundo caipira", para troca ou venda de gêneros, de peças de barro, de cestaria, de figurinhas de presépio.



SEM ESCOLHA

Qualquer imagem por mais que a olhe
o que eu vou ver sempre é tua imagem.

O cheiro do mar, dos frutos e folhagens
e da terra seriam só teu cheiro.

Tua bela e modulada voz mais que tua
é a perfeição do vento desfazendo areias.

Mistério é o teu mistério erodindo dunas
e criando lagos onde nada havia.

A vida há de passar sem que tu passes
e eu não passarei porque contigo fico,

ó meu amor feito de horror e calma,
único aplacamento de tua inquieta amada

que te odeia e te adora e te rasga o ventre,
tua amada feita de dança e maré cheia.

Olga Savary

Olga Savary, poetisa, jornalista, tradutora. Prêmio Jabuti de Poesia, em 1980, concedido pela União Brasileira de Escritores. Prêmio de Tradução da Academia Brasileira de Letras.
★ Aldemir Martins, Prêmio Bienal São Paulo e de Melhor Desenhista da Bienal de Veneza. Prêmio Roquete Pinto, 1982.



D.O. **Leitura**

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO S/A - IMESP
Diretor-Superintendente: Caio Plínio Aguiar Alves de Lima
D.O. LEITURA - Editor: Ruy Marcucci
Redação: Rua da Mooca, 1921 - Telefone: 291-3344 - ramal 344.
Composto e impresso nas oficinas da IMESP.

